

# 1

## Introdução

“A cidade de Leônia refaz a si própria todos os dias”.  
(Calvino, 2003, p.109)

A cidade de Leônia é uma das cidades invisíveis dos textos de Ítalo Calvino que vive a dinâmica de refazer-se todos os dias, ao mesmo tempo em que, convive com a angústia de desfazer-se de seu lixo. Podemos fazer uma analogia dos problemas vivenciados por essa cidade, que também é lembrada pelo autor como a “metrópole sempre vestida de novo”, com os problemas da cidade do Rio de Janeiro que não é uma ficção mas compartilha dos mesmos tormentos. A produção de resíduos sólidos urbanos, ou simplesmente lixo, é crescente na cidade do Rio de Janeiro, assim como nas outras metrópoles brasileiras e tornou-se um dos grandes problemas ambientais do século. O poema de Calvino será retomado ao longo do trabalho, pois retrata cada fase da criação de vazadouros de lixo da cidade que queremos analisar. O lixo é um dos maiores problemas do século então como o poder público trata essa questão?

A Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei 12.305/2010) define os resíduos sólidos como material, substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade, a cuja destinação final se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólido ou semissólido, bem como gases contidos em recipientes e líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou em corpos d’água, ou exijam para isso soluções técnica ou economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia. Os resíduos sólidos são popularmente denominados de “lixo” e resultam de várias atividades de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição pública, trabalharemos especificamente com de origem domiciliar, comercial, público e domiciliar especial (entulho, pilha, bateria, lâmpada e pneus) que são recolhidos pelo serviço de limpeza urbana municipal ou por empresas particulares, no caso dos grandes geradores comerciais, e que terão como destino final os vazadouros de lixo da cidade.

Com o desenvolvimento técnico e a descoberta de novos materiais devemos considerar a relatividade das características empregadas aos resíduos sólidos urbanos gerados por nossa sociedade, pois o que deixou de ter valor de uso e de troca para um determinado grupo pode ter esses valores para outro

grupo. E em qual momento passamos a empregar esse valor a uma mercadoria já utilizada e começamos a gerar tantos resíduos ?

A categoria lixo é recente na história da humanidade. O antropólogo Rodrigues (1999) nos lembra que o significado do lixo tem uma história, existe como cultura e se dá de acordo com as relações diferenciadas que o homem passou a estabelecer com a natureza. Os problemas com a produção de resíduos passam a existir quando o homem deixa de viver em grupos nômades e passa a se fixar em aldeias. Desde esses tempos remotos, tem início uma dualidade que vai acompanhar o lixo até os dias atuais: “o necessário afastamento, e mesmo receio e rejeição, de um lado, e aceitação por sua utilidade, de outro” (Eigenheer, 2009, p. 17).

O resíduo produzido pelas sociedades tradicionais ou pré-capitalistas tinha composição e volume bem diferentes do atual. Os resíduos produzidos por essas sociedades ainda apresentavam capacidade de serem assimilados pela dinâmica da natureza, pois eram compostos majoritariamente por resíduos orgânicos oriundos de atividade de pesca, caça, coleta e agricultura. Mesmo as atividades de artesanato ou qualquer atividade que passasse pelo processamento de materiais eram desenvolvidas em uma escala que não agrediam tanto a natureza. Nesse período, já haviam descoberto a importância dos excrementos e restos de alimentos como adubo para a plantação<sup>1</sup>.

É o advento da modernidade, o desenvolvimento do capitalismo e a expansão do fenômeno urbano que irá modificar esse estado de coisas. A modernidade em uma dinâmica contraditória propôs um projeto de autonomia individual, ao mesmo tempo em que serviu de base para a expansão do modo de produção capitalista baseado em uma racionalidade que a tudo transforma em mercadoria, num processo sem fim de acumulação. Inicia-se um processo de separação entre a natureza e a sociedade, quando o homem é ‘liberto das amarras da religião e do mito’ tornando-se livre, e a natureza é atribuída a função única de recurso para servir ao propósito de acumulação e expansão ilimitada do capital (Castoriadis, 1992)

A modernidade estava baseada no desenvolvimento da ciência que levou a um grande avanço técnico e ao desenvolvimento de indústrias, fatos que possibilitou a criação de materiais mais resistentes que se inserem ao ciclo da natureza levando anos para se decompor. Essa transformação técnica associada a um modelo de desenvolvimento baseado na economia que estimula

---

<sup>1</sup> De acordo com Eigenheer (2009, p.16) desde o período Neolítico descobriu a importância do lixo como fertilizante para agricultura.

o consumo gerou na sociedade moderna o que Rodrigues (1999) chamou de “angústia do lixo”, pois a civilização industrial cria e acumula sobre o espaço os dejetos que ela detesta, em um novo momento de produção,

Os novos restos de nossos tempos são, entretanto, um lixo que é vida sem morte, que não retorna às origens, que se acumula incessantemente sem se destruir, avançando contra todas as formas de vida. Trata-se agora de um lixo ecosida e genocida, a gerar resíduos cada vez mais nefastos, por conta de sua elevadíssima e crescente concentração (Rodrigues, 1999, p.91).

A produção cada vez maior de objetos que são vida sem morte nos remete à expansão do modo de produção capitalista que se constituiu como uma força poderosa, instável e totalizante de controle e organização societal que se impôs sobre grande parte das sociedades. Essa lógica produtivista e social tem criado uma ação destrutiva sobre a natureza e seu ciclo de produção que se acentuou no período atual e criou o que Antunes (2000) apresenta a partir dos estudos de Mészáros, que é a “taxa de utilização decrescente do valor de uso das coisas”. Esta impulsionou o aceleração do uso dos produtos levando a uma maior depredação da natureza, a descartabilidade de objetos e aumentou a necessidade de produção, dessa forma, o capital atingiu grande crescimento, ao mesmo tempo que aumentou consideravelmente a produção de resíduos.

Essa lógica produtiva ganha destaque, principalmente a partir da década de 1970 quando o sistema capitalista enfrentou uma crise estrutural. Como resposta a esse momento inicia-se um processo de reorganização do capital e de seu sistema ideológico baseado no neoliberalismo, com a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos do trabalho e a desmontagem do setor produtivo estatal, ou seja, um intenso processo de reestruturação da produção e do trabalho (Antunes, 2000, p.31).

A racionalidade capitalista é contraditória, pois a tendência decrescente do tempo de uso das coisas está levando a uma escassez dos elementos naturais que tanto precisamos para sobreviver e, também, para produzir mercadorias. Rodrigues (2006, p.211) nos lembra das consequências dramáticas dessa relação quando afirma que estamos destruindo o equilíbrio de uma natureza que a própria vida depende, criando uma grande contradição: “como todos os predadores a sobrevivência depende estritamente da vida das presas, à medida que a predação aumenta [...] a sobrevivência do predador diminui. Levando a morte as outras formas de vida, nossa civilização atrai a morte para si”.

Nesse processo de espoliação da natureza queremos dar maior destaque à produção e descarte dos resíduos sólidos urbanos. Os meios de comunicação em 2010 anunciaram que a população mundial produziu em 2009 cerca de 400 milhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos, significa a retirada de grande quantidade de recursos naturais, e cabe aqui um questionamento: qual foi à destinação desse material? Em que tipo de terreno foi depositado? E quais os critérios utilizados para a escolha do local?

De acordo com a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE, 2010), a produção de resíduos sólidos urbanos no Brasil, em 2010, foi de mais de 60 milhões de toneladas, cerca de 3 milhões a mais do que o ano de 2009 que totalizou mais de 57 milhões. Segundo essa mesma Associação, a produção de resíduos tem crescido cerca de 3 milhões por ano, indicando que o brasileiro está consumindo mais e gerando mais lixo. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNSB, 2008), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2008, 50,8% dos resíduos tem como destino os lixões<sup>2</sup>, 22,5% vão para os aterros controlados<sup>3</sup> e somente 27,7% vão para aterros sanitários<sup>4</sup>. Esses dados ainda não representam o ideal, mas já são um grande avanço, pois a PNSB realizada em 2000 tinha um quadro mais desolador onde 72,3% dos resíduos urbanos brasileiros eram depositados em lixões. A disposição inadequada do lixo no Brasil é um dos grandes problemas ambientais e sociais que precisa ser enfrentado pelos governantes e pela população, pois os danos decorrentes dessa prática causam prejuízos incalculáveis.

Como estamos tratando de um material que requer distanciamento e isolamento pelos problemas e desconforto que causam, no momento da escolha de locais para servirem como vazadouros de lixo, o que prevalece é uma prática individualista denominada pelos americanos de NIMBY (*not in my backyard*), ou seja, não no meu quintal, que é a prática de distanciar os resíduos sólidos das áreas mais valorizadas aproximando-o dos locais que não são de interesse econômico (Acsehrad, 2009, p.27). Só que nos espaços urbanos, distanciar os

---

<sup>2</sup>Lixões são locais onde “o lixo coletado é lançado diretamente sobre o solo sem qualquer controle e sem quaisquer cuidados ambientais, poluindo tanto o solo, quanto o ar e as águas subterrâneas e superficiais das vizinhanças” (Penido, 2001, p.149).

<sup>3</sup> “O aterro sanitário é um método para disposição final dos resíduos sólidos urbanos, sobre o terreno natural, através do seu confinamento em camadas cobertas com material inerte, geralmente solo, segundo normas operacionais específicas, de modo a evitar danos ao meio ambiente, em particular à saúde e a segurança” (Penido, 2001, p.150).

<sup>4</sup> “O aterro controlado também é uma forma de se confinar tecnicamente o lixo coletado sem poluir o ambiente externo, porém, sem promover a coleta e o tratamento do chorume e a coleta e a queima do biogás”. (Penido, 2001, p. 150).

resíduos significa aproximá-lo de alguém, seja das áreas rurais ou dos subúrbios e periferias. O caso é que o “NYMBY” é uma prática comum no Brasil.

Essa ação só é possível porque vivemos em uma sociedade capitalista baseada numa divisão de classes que se reflete na organização espacial. O espaço urbano é organizado e apropriado de forma desigual de acordo com os interesses hegemônicos de quem detém o capital. Nessa lógica as regras de poluição irão refletir na organização espacial marcando a distância social entre as pessoas, grupos, estratos e idéias. Estar próximo da poluição ou praticar atividades que estejam relacionadas à sujeira é uma reafirmação das hierarquias sociais, ou seja, “ quanto mais próximo do centro de poder, mais distante da poluição; quanto mais periférico em relação ao centro do poder, tanto mais íntimo da sujeira ou do lixo” (Rodrigues, 1999,p.92), pois o poder ao organizar o espaço os grupos sociais hegemônicos ‘expulsa’ para longe das áreas privilegiadas de infraestrutura a população de baixa renda e as atividades degradantes.

Nessa dinâmica, onde o que prevalece é o domínio do espaço como fonte de poder social, são as áreas periféricas já carentes de infraestrutura que vão arcar com os danos oriundos da obsolescência programada das mercadorias e do consumismo moderno. As áreas que recebem os vazadouros de lixo, entendidos aqui como territórios do lixo, sofrem com os problemas ambientais causados pela disposição inadequada dos resíduos, situação agravada com a falta de políticas públicas de moradia, de saneamento, de educação e de áreas de lazer para esses espaços. Esses problemas foram retratados por Miranda e citados por Juncá (2004, p.40) que destaca:

O ar, a água e o solo são poluídos. No ar pairam gases da decomposição do lixo; o odor é desagradável, doce e ácido; a fumaça constante. O chorume penetra no solo e chega às águas subterrâneas, contaminando-as. Mesmo as águas superficiais, dos rios, podem ser e são atingidas. O solo não serve mais para plantar. Um monte de lixo mal disposto cria ambientes ideais para as moscas, mosquitos, ratos e baratas, expondo o homem a uma série de doenças [...].

Toda transformação causada na natureza irá interferir diretamente na qualidade de vida da população que reside próximo aos vazadouros e de um conjunto de trabalhadores que a várias gerações tem seu sustento retirado diretamente do lixo que são os catadores de material reciclável.

Como um desenrolar da problemática até aqui apresentada, a temática de nossa pesquisa está diretamente relacionada ao processo de produção do espaço urbano como um produto das relações entre sociedade e natureza.

Nessa dinâmica, a sociedade transforma a natureza produzindo o espaço em uma relação contraditória, fragmentada, mas articulada. Só podemos compreender a existência e a localização dos vazadouros de lixo a partir de uma análise dialética do espaço.

O objetivo de nossa dissertação é analisar os problemas ambientais, sociais e econômicos decorrentes da criação de territórios do lixo em bairros de população de baixa renda, demonstrando que os interesses econômicos sobre o espaço acabam por impor exteriorizações negativas<sup>5</sup> do crescimento urbano a parcela mais pobre da população em uma dinâmica de injustiças sociais que tiveram início no final do século XIX e se agravam nos dias atuais. Diante disso, o objeto é a dinâmica da segregação espacial na cidade do Rio de Janeiro que pode ser analisada através dos territórios de lixo da cidade.

Nosso recorte temporal está entre o final do século XIX até os dias atuais. Esse período não será trabalhado de forma linear, mas a partir da criação dos grandes vazadouros de lixo da cidade do Rio de Janeiro. Nesse período, buscaremos compreender a lógica que orientou o crescimento urbano, o processo de segregação espacial e de localização dos grandes vazadouros de lixo. Reconhecemos a importância dessa temática para os estudos de segregação espacial, pois as exteriorizações negativas no sistema urbano foram pouco estudadas e acreditamos que esta seja uma dimensão que não pode ser desprezada para a análise da produção do espaço por revelar as características de articulação, fragmentação e contradição do espaço urbano.

Nosso recorte espacial será o atual território do lixo da cidade do Rio de Janeiro, o Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (AMJG). Neste território manifestam-se todas as problemáticas com relação ao lixo e ao processo de segregação espacial, constituindo, também, um dos maiores exemplos da relação de descartabilidade que o homem mantém com a natureza. Esse aterro controlado é um dos maiores da América Latina e sua grandiosidade é um bom exemplo dos problemas com a disposição final dos resíduos sólidos urbanos enfrentados em nosso país.

Para compreender o complexo conjunto de interesses e forças utilizadas para a criação de um vazadouro de lixo iremos analisar a dinâmica de organização do espaço que faz com que vazadouros de lixo sejam criados em áreas de população de baixa renda. Além disso, levantamos os seguintes

---

<sup>5</sup> Termo utilizado por Harvey (1980, p.46) para designar produtos adicionais gerados a partir da atividade de pessoas ou empresas, desejados ou não, que imediatamente ou indiretamente afetam o bem estar dos indivíduos.

questionamentos: podemos estabelecer alguma relação entre a segregação espacial e a degradação ambiental? A instalação dos vazadouros de lixo foi acompanhada de melhorias infra estruturais nos bairros? Esses vazadouros causaram algum impacto para a Baía de Guanabara? Quais melhorias ou precauções foram tomadas após o encerramento dos vazadouros? De que forma esses territórios interferiam na qualidade de vida da população? Existe algum conflito entre moradores do bairro e os catadores no Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (AMJG)? O lixo desde tempos remotos é acompanhado de uma dualidade entre afastamento e utilidade, como essa relação se configura no AMJG? Quais medidas estão sendo tomadas para o encerramento do AMJG? Quais as características do local onde está sendo construído o novo território do lixo depois que o AMJG for encerrado? Será que a mesma dinâmica segregacionista terá continuidade?

Para alcançar nosso objetivo e responder os questionamentos, dialogamos com alguns autores que nortearam nossa discussão. A Geografia como ciência social tem como objeto de estudo a sociedade que pode ser analisada a partir de cinco conceitos-chaves que são amplamente utilizados pelos geógrafos e também por pensadores de outras áreas: paisagem, região, território, espaço e lugar, que recebem posição de destaque de acordo com análise que se queira fazer sobre a sociedade. Neste trabalho, os conceitos de espaço e território serão fundamentais para dirigir nossa discussão.

Partindo da concepção de que é a sociedade quem produz o espaço ao mesmo tempo em que reproduz a si mesma, abordaremos o conceito de espaço à luz de alguns autores. Trabalharemos com Milton Santos (2008 e 2010) que nos chama atenção para uma análise do espaço como uma síntese provisória entre conteúdo social e as formas espaciais que se modificam ao longo da história, a partir da intencionalidade dos homens sobre o espaço. Dessa forma, novos arranjos espaciais serão criados constantemente quase sempre de acordo com os interesses dos atores hegemônicos que detém o domínio sobre o tempo e o espaço.

Por causa dessas características espaciais Lefebvre (2008) aborda o espaço como um texto social onde encontramos os fragmentos da sociedade, seus modos, comportamentos e construções que traduzem sua organização e sua história. Ele é importante para nossa análise ao pensar o espaço enquanto instrumento político e ideológico que é utilizado em benefício de um grupo em detrimento de outro. Esse uso intencional do espaço é retratado por Harvey (1980) que nos dá sua contribuição demonstrando como interferências na forma

espacial da cidade e nos processos sociais estão diretamente relacionadas às injustiças sociais. Ainda nos apropriamos de suas análises sobre o processo de expansão e reprodução do capital.

Outro conceito muito rico para nossa análise é o de território que será trabalhado a partir das interpretações de Haesbaert ( 2004 e 2001). Sua análise de território, a partir das categorias espaciais de Lefebvre de apropriação e dominação, nos ajudou a entender as relações que se estabelecem e se estabeleceram nos vazadouros de lixo e em seu entorno. Acreditamos que os territórios do lixo tenham essa dupla característica: por um lado possuem uma dimensão de dominação político-econômica, relacionada à dimensão material por serem espaços delimitados a partir do interesse de determinados grupos, por outro, possuem uma dimensão de apropriação relacionada às representações simbólicas construídas ao redor desses territórios que tanto estão relacionadas às concepções de nojo e horror quanto às de sustento, de fonte de sobrevivência.

Além desses autores, recorreremos a outros pensadores para compreender o processo de modernização e sua expansão. Essa nova ideologia se espalha pela cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX, com o apoio do Movimento Higienista provocando transformações espaciais e sociais que promoveram a separação dos usos. Trabalharemos especificamente com o distanciamento dos vazadouros de lixo das áreas mais valorizadas para bairros periféricos ocupados por população de baixa renda, sendo essa população que irá sofrer com as exteriorizações negativas do processo de modernização. Para esse estudo buscamos a contribuição de Abreu ( 1987a, 1987b, 1996 e 2006), Aizen & Pechmam (1985), Benchimol (1990), Castoriadis (1987 e 1992), Cavalcante ( 1985), Gomes (1996), Ianni ( 1993), Machado (1978), Rodrigues (1999), Rua (2007) e Sevckenko (1984).

Para alcançar nosso objetivo fizemos levantamento e análise bibliográfica, e pesquisamos em fontes secundárias como revistas e jornais sobre os antigos territórios de lixo da cidade do Rio de Janeiro. Sobre o Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (AMJG) examinamos os diagnósticos socioeconômicos, sabendo que não traduzem a realidade dos catadores nem do bairro, mas auxiliaram em nossa pesquisa como uma fonte secundária sobre o trabalho e os problemas vivenciados pelos catadores. Para confrontar as informações obtidas nos diagnósticos e melhor analisar as problemáticas de desigualdade social e segregação espacial, realizamos trabalhos de campo no bairro de Jardim Gramacho durante o ano de 2011. Participamos de reuniões no

Fórum Comunitário de Jardim Gramacho<sup>6</sup> e no Pólo de Reciclagem da Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (ACAMJ), que tinham como objetivo informar aos interessados as negociações sobre o encerramento do aterro. Além das informações levantadas em campo utilizaremos também entrevistas que foram realizadas durante a confecção de nossa monografia de graduação intitulada “ Os circuitos econômicos do entorno do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho: O desumano trabalho da catação de material reciclável como base da “sustentável” atividade de reciclagem do lixo urbano” apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro no ano de 2007.

Complexas são as relações e interesses que se desenvolvem nesse espaço para organizar todas as informações encontradas dividimos a dissertação em três capítulos:

Para pesquisar tal complexidade no primeiro buscamos fazer uma análise do processo de expansão das ideias modernistas e do modo de produção capitalista, com a intenção de demonstrar como esse movimento provocou profundas transformações nas formas de agir e pensar, resultando em modificações espaciais. Na cidade do Rio de Janeiro essas transformações foram introduzidas pelo Movimento Higienista, que com o apoio do Estado e da elite da cidade, expandiu suas idéias de ordenamento, segregação e higiene, criando novas formas de pensar e agir na sociedade carioca. Destacaremos a forma como os médicos higienistas se relacionavam com o espaço urbano e sua preocupação em afastar da cidade os estabelecimentos insalubres e ‘perigosos’, entre estes destacamos os vazadouros de lixo e a moradia da população trabalhadora. Nessa dinâmica objetivamos analisar o processo de produção e reprodução do espaço a partir dos interesses imobiliários, fundiários e empresariais que se desenvolveram na cidade com o apoio do Estado. Esses agentes apoiaram e se apropriaram do discurso higienista para criar áreas segregadas na cidade, direcionando para os subúrbios, os usos e classes sociais indesejáveis para o projeto de modernização da cidade naquele momento.

No segundo capítulo, trabalhamos com os antigos territórios do lixo da cidade do Rio de Janeiro. Como esse é um tema extenso e com pouca

---

<sup>6</sup> É um espaço que reúne todas as instituições e lideranças atuantes no bairro com o objetivo de maior integração entre os moradores e de ser um espaço de discussão e busca de solução para os problemas do bairro. Sua organização foi criada em conjunto com o IBASE ( Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) em uma parceria com FURNAS Centrais Elétricas.

bibliografia disponível restringimos nossa análise aos quatro grandes vazadouros criados ao longo da história da cidade. Buscamos capturar as relações de apropriação e dominação que se desenvolvem no entorno desses territórios e demonstrar que a apropriação diferenciada do espaço fez recair sobre a população de baixa renda os efeitos negativos da sociedade industrial. Foi também a partir do levantamento dos antigos territórios do lixo que podemos analisar a mobilidade espacial dos catadores que vivem em um incessante processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização a cada território do lixo que é construído.

No terceiro capítulo, voltamos nossa análise para o atual território do lixo da Cidade do Rio de Janeiro, para compreender as complexas relações sociais e econômicas que se instalaram no entorno do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho. Queremos demonstrar a contraditória existência desse aterro, cuja presença consolidou a pobreza e os problemas ambientais em seu entorno, e contraditoriamente, a sua desativação irá acentuar esses problemas. Acreditamos que essa análise seja importante, pois esta pesquisa foi realizada no momento em que se discutia o encerramento desse vazadouro (previsto para abril de 2012). Na última parte desse capítulo demonstramos as discussões entorno da abertura do novo território do lixo da cidade do Rio de Janeiro – o CTR-Santa Rosa - e como sua abertura reproduz a lógica de localização.

Acreditamos que este trabalho tem uma contribuição para os estudos de segregação espacial e para demonstrar a relação das pessoas e do poder público da cidade do Rio de Janeiro com os resíduos sólidos urbanos, pois como na cidade de Leônia do texto de Italo Calvino (2003), a cidade do Rio de Janeiro veste-se de novo todos os dias e vive uma incessante luta para afastar de si os dejetos que ela não quer mais.